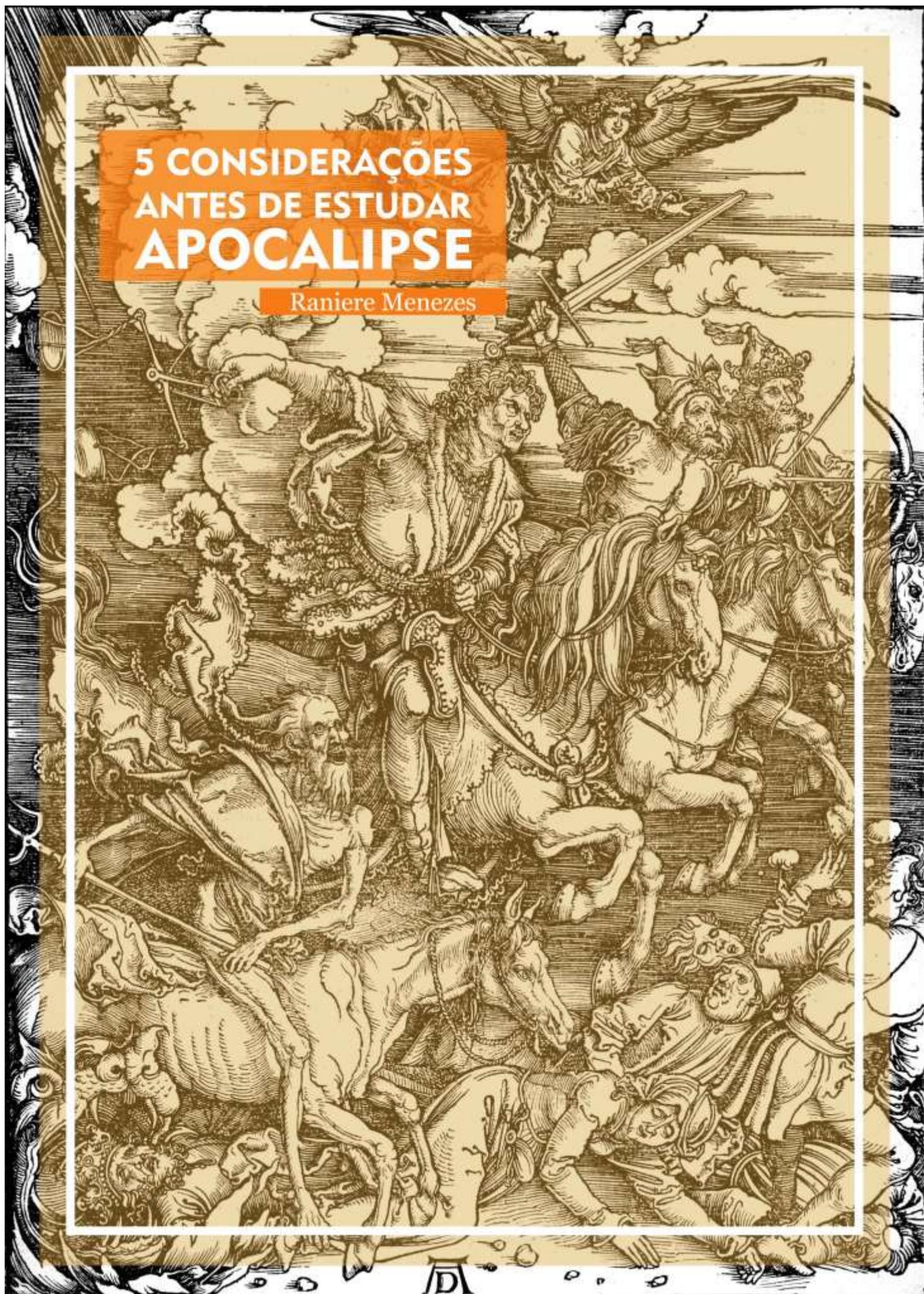


5 CONSIDERAÇÕES ANTES DE ESTUDAR APOCALIPSE

Raniere Menezes



Escatologia como você nunca viu...

Fim dos tempos

Últimos dias

Fim do Mundo

Preterismo

Volta de Jesus

Profecia

Arrebatamento

Escatologia em geral

Apocalipse

Você encontra no mais completo portal sobre preterismo parcial e pós-milenista...



Revista Cristã
Última Chamada



www.revistacrista.org

5 Considerações antes de estudar Apocalipse

De modo geral, o senso comum dentro das mais variadas vertentes de cristianismo, ao se deparar com interpretações do livro do Apocalipse "navega" num universo complexo repleto de símbolos, e esta cascata de imagens simbólicas, para alguns é como uma série fantástica de dez temporadas cinematográficas ou uma trilogia como O Senhor dos Anéis, com suas emocionantes reviravoltas e finais desconcertantes, cenários terríveis e realistas se misturam, dramas sombrios, cenas cheias de cores e luzes. Esta é a fórmula do Mágico de Oz a Harry Potter e Star Wars. A mente humana dos criadores, produtores, roteiristas de ficção trabalham todo tempo com uma gama de personagens, símbolos, narrativas, tramas, cores, números, formas que produzam sentido para sua audiência e fãs. A mente humana tem uma capacidade incrível de trabalhar com símbolos.

Apocalipse é um livro que atrai o interesse de cristão e não cristãos, e isto afetou a literatura, a arte e o drama ocidentais mais do que qualquer outro livro da Bíblia. Para muitos, Apocalipse é uma obra prima da imaginação por sua visão poética, imagens de pura beleza estética e também aterrorizantes. Apocalipse tem uma poderosa influência ao longo dos séculos, seja na literatura, arte, teologia, política e cultura popular. Nas artes clássicas ocidentais se destacam Albrecht Dürer (exemplo: xilogravuras. A capa deste breve artigo é de sua autoria, representa os cavaleiros do Apocalipse), Michelangelo na Capela Sistina e muitos outros.

A visão da Jerusalém celestial inspirou artes em mosaicos e vitrais, músicas e muitos hinos inspirados em "Santo, santo, santo!". Outros exemplos, nas artes literárias, "A Divina Comédia" de Dante, "Leviatã" de Hobbes, "Paraíso Perdido" de Milton. Na teologia influenciou a cultura do Ocidente através da obra de Agostinho, "A Cidade de Deus", um clássico da literatura. A atração do Apocalipse transpassa gerações e há incontáveis sermões, livros, conferências, filmes etc.

Mas quando tratamos o livro bíblico da Revelação do Senhor Jesus Cristo, não estamos lidando com qualquer literatura de ficção, mas de uma **carta profética**, escrita pelo Apóstolo João, no primeiro século, direcionada às igrejas específicas com localização geográfica (Ásia Menor), carta inspirada pelo Espírito Santo, inerrante e de extrema relevância e autoridade. Não é um texto de ficção para entretenimento da Igreja nem do mundo, mas uma carta de um pastor exilado com um coração quebrantado por conta do imenso amor à Igreja, em especial às igrejas da Ásia, as quais o pastor João conhecia pessoalmente muitos irmãos reais, companheiros de tribulações da Igreja neo testamentária nascente, num contexto histórico e cultural do século I. A Carta não é uma simples carta, mas uma narrativa dramática de um julgamento divino. Existe uma forte

retórica forense no texto, como uma leitura de processo e sentenças de juízo. Ao mesmo tempo este tribunal de justiça acontece numa corte celestial com o próprio Deus Todo-poderoso em seu trono.

Apocalipse não é uma série com várias temporadas nem uma trilogia de ficção, é um livro santo e merece total reverência ao ser abordado, deve ser examinado com extrema cautela e humildade, reconhecendo que os melhores e mais sérios teólogos e santos da história da Igreja tiveram grandes dificuldades para compreender.

Apocalipse é um livro com todo critério canônico eclesiástico aprovado, seja por sua apostolicidade, aceitação e utilização por parte da Igreja, coerência doutrinária e inspiração. O Rev. Herminsten Maia, em seu livro sobre a inspiração e inerrância das Escrituras registra um fato curioso. Nos primeiros séculos da Igreja Primitiva a Carta do Apocalipse era amplamente recebida como Escritura. Por conta da abundante referência ao Antigo Testamento houve uma momentânea rejeição por ser considerado “muito judeu”. O testemunho de Irineu, por volta do ano 120, sugere que Apocalipse era muito conhecido das igrejas. Alguns cristãos antigos como, Papias (60-135), Justino Mártir (100-165), Policarpo (70-155), Clemente de Alexandria (150-215), Tertuliano (160-240), Orígenes (185-254), Jerônimo (347-420) e Agostinho (354-430), citaram Apocalipse. Ainda sob a pesquisa do Rev. Herminsten Maia se constatou que a inclusão oficial em uma lista canônica aconteceu somente em 367 d.C., por Atanásio e em 397, no Sínodo de Cartago. Assunto que só retornaria aos debates no período da Renascença, com Erasmo de Roterdã (1466-1536) e Lutero (1483-1546), ambos não aceitavam a apostolicidade da Carta. A canonicidade de Apocalipse é um assunto que merece uma pesquisa mais ampla para todo estudante da epístola.

O estilo literário apocalíptico tem suas características peculiares de seu gênero, é encontrável no livro do profeta Daniel, Ezequiel. Estilo encontrado em narrativas judaicas e gregas, porém Apocalipse de João é fortemente judaico. Basicamente é um gênero que trabalha com metáforas, símbolos, imagens, visões e revelações com muitas conexões ao mundo judaico.

Um dos propósitos de um texto apocalíptico é ser facilmente interpretado por uma comunidade capacitada para entender sua linguagem simbólica e tornar difícil o entendimento para quem não pertence à audiência destinatária. Uma linguagem codificada num contexto histórico hostil exerce uma função, entre outras, de compartilhar uma mensagem importante de modo mais seguro. Guardando as devidas proporções podemos comparar a Carta do Apocalipse ao conceito da criptografia, no sentido de ser um conjunto de princípios para codificar ou cifrar uma escrita e assim torná-la ininteligível para os que não têm acesso às convenções conhecidas e não compreendam, mas que o destinatário possa ler e entender, simplesmente um modo de

proteger uma mensagem. Apocalipse tem tantos símbolos, imagens, números, cores e sequência que a primeira vista seu conteúdo é embaralhado. E assim como na criptografia, a mensagem necessita de uma chave para decifrar. As sete Igrejas joaninas certamente decifraram.

A carta de Apocalipse deveria circular originalmente pelas igrejas perseguidas do século I e consolar seus leitores que apesar da situação de terrível aflição, angústia e desespero, Deus demonstrou e demonstra seu controle soberano e justiça, e promete vitória e libertação à sua Igreja. É uma carta de vitória, não de alento desesperador.

Por esta razão e complexidade surgiram várias correntes de interpretações na história das doutrinas da Igreja. Podemos ter muitas certezas sobre esta carta inspirada pelo Espírito Santo, uma delas é que ela cumpriu sua missão original de circular aos seus destinatários originais (as igrejas da Ásia Menor) e apesar do estilo literário simbólico, estas igrejas entenderam claramente a mensagem e disseram amém. Quanto a sua aplicação secundária, profecias, mensagens de esperança, consolo, perseverança, superação e ensinamentos da sabedoria e atributos de Deus servem para toda Igreja em todos os séculos da história, assim como as cartas de Paulo e outras cartas e autores.

1. Consideração de Interpretação

Apocalipse, um livro aberto ou fechado? O livro de Apocalipse não deve ser temido ou rejeitado por causa de suas fortes imagens textuais, temos o dever de afirmá-lo como um livro profético, canônico e apostólico. Ao lermos os salmos, por exemplo, temos uma inclinação de transbordar nosso coração com louvores, adoração e gratidão, o mesmo podemos experimentar em Apocalipse, pois é um texto de vitória e de esperança. Sim! Há dificuldades de interpretação, mas é afirmado no próprio livro que é uma REVELAÇÃO de Jesus Cristo, uma revelação! Assim como os outros 65 livros da Bíblia Sagrada devemos usar as melhores "ferramentas" de interpretação, podemos citar como exemplo o modo hermenêutico da Confissão de Fé de Westminster, CAPÍTULO I, DA ESCRITURA SAGRADA:

Seção VII. **Na Escritura não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos;** contudo, as coisas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação, em um ou outro passo da Escritura são tão claramente expostas e explicadas, que não só os doutos, mas ainda os indoutos, no devido uso dos meios ordinários, podem alcançar uma suficiente compreensão delas.

II Pedro 3:16; Sal. 119:105, 130; Atos 17:11.

Seção IX. **A regra infalível de interpretação da Escritura é a mesma Escritura;** portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto da Escritura (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto pode ser estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente.

At. 15: 15; João 5:46; II Ped. 1:20-21.

Uma perspectiva muito importante da própria confissão de fé, ela deve se submeter à autoridade das Escrituras:

Seção X. **O Juiz Supremo**, pelo qual todas as controvérsias religiosas têm de ser determinadas e por quem serão examinados todos os decretos de concílios, todas as opiniões dos antigos escritores, todas as doutrinas de homens e opiniões particulares, **o Juiz Supremo em cuja sentença nos devemos firmar não pode ser outro senão o Espírito Santo falando na Escritura.**

Mat. 22:29, 3 1; At. 28:25; Gal. 1: 10.

Portanto, temos caminhos seguros para interpretar e conhecer textos bíblicos, especialmente buscar compreender o contexto histórico, literário/gramatical e teológico de cada passagem bíblica. As discussões hermenêuticas sobre literalidade, alegoricidade e teologia devem passar pelo crivo do SOLA SCRIPTURA, em resumo, **a Bíblia interpreta a Bíblia.** Sair da Bíblia para interpretar a Bíblia é um terreno pantanoso. Se Apocalipse já é um livro desafiante e de difícil interpretação, muito mais fora da segurança do Sola Scriptura.

Ao estudar Apocalipse devemos buscar diminuir as controvérsias e não aumentá-las com especulação fora da Bíblia. O desafio do interprete é diminuir as divergências de interpretações. O melhor modo, sem dúvida, para estudar a Bíblia é por meio de exegese, verso por verso. Um passo de cada vez, compreender o todo, não perdendo de vista o aspecto teológico histórico-redentor. É como estudar cada árvore de uma floresta sem esquecer a visão macro de toda floresta que a torna única. É como um biólogo que pode estudar uma pequena amostra de uma árvore e conhecer detalhes genéticos e também poder mapear uma floresta inteira com imagens de drones ou satélite.

2. Consideração da Vontade de Deus

Dr. R. C. Sproul, sobre a vontade relevada de Deus, escreve em outras palavras que Deus tem verdades secretas e verdades reveladas, cita Dt 29.29 como referência, "as coisas encobertas" são o que podemos chamar de "vontade oculta". Na teologia, para entendermos melhor a VONTADE de Deus descompactamos o tema e podemos compreender que há aspectos da vontade de Deus, exemplo: sua vontade decretiva (Deus, como soberano Deus, faz acontecer o que quer), trata-se de uma vontade absoluta ou soberana. A crucificação de Cristo é um exemplo de sua vontade decretiva. Na eternidade, Deus decretou que Cristo deveria morrer numa cruz em Jerusalém, num exato ponto da história, naquele exato lugar, naquele exato tempo. Ele é Senhor do tempo cronológico e da eternidade.

Além da vontade DECRETIVA de Deus, há sua vontade PRECEPTIVA, relacionada diretamente com seus mandamentos revelados nas Escrituras. Muitas pessoas têm uma tendência de querer saber muito mais da vontade oculta de Deus -- que Ele nunca irá revelar --, ou mesmo conhecer sua vontade decretiva antes de acontecer, mas menospreza sua vontade revelada e preceptiva. Deus, através do Espírito Santo que ilumina nossa mente para entender sua Palavra, quer que conheçamos sua vontade revelada em sua Palavra e não tentar ler a mente de Deus.

A vontade revelada é nosso trabalho diário conhecer cada dia mais, nas Escrituras. Quando Deus silencia em algo, não devemos especular. A vontade oculta de Deus não é da nossa conta! Deus é nosso Guia e Caminho seguro, podemos não saber todos os acontecimentos da nossa história individual e como Igreja, mas devemos confiar em suas promessas e em sua mão que nos guia. Dr Sproul, como um teólogo prudente que foi, disse que a tendência de saber o futuro é um desejo pecaminoso. Querer saber o fim não revelado não é da nossa competência. Por esta tendência pecaminosa de querer saber de coisas não reveladas na Palavra de Deus surgem adivinhos, astrólogos e especuladores. A sã doutrina nos orienta a conhecer a vontade preceptiva de Deus, não sua vontade decretiva, para isto é preciso conhecer a sua revelação escrita, conhecer seus mandamentos e sua Palavra.

Voltando às questões de interpretações em Apocalipse, não precisamos ficar atemorizados com especulações sobre o futuro, devemos confiar no Senhor da História, que já decretou o amanhã. Deus revelou/descobriu muitos dos seus planos que poderiam estar encobertos – contentemo-nos com isto! --Revelação significa remover o véu, é um desvendamento de algo oculto. E Apocalipse é exatamente uma REVELAÇÃO. Deus soberanamente revelou sua vontade ao apóstolo João e compartilhou sua revelação com a Igreja para abençoar seu povo.

Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo.

Apocalipse 1:3

Eis que presto venho: Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.

Apocalipse 22:7

Querer conhecer um futuro não revelado na Palavra, que esteja encoberto, é um erro. A Revelação Especial de Deus (Escrituras) é lâmpada para nossos pés e luz para os nossos caminhos (Sl 119.105). Para conhecer Apocalipse precisamos de uma lâmpada que nos mostre toda Palavra da boca de Deus. Quando Deus silencia devemos nos calar.

Intérpretes futuristas querem comparar Apocalipse com os acontecimentos do jornal da manhã de hoje, forçando as visões de João para encaixar como um quebra-cabeça uma peça da cronologia dos primeiros séculos ao século XXI. Nesta tentativa de construir um esquema coerente de interpretação fora das Escrituras a instabilidade, insegurança, incertezas e heresias tentam todo tempo buscar "peças de encaixes" mutáveis para adaptar a interpretações que façam mais sentido ao esquema elaborado.

Certamente, Apocalipse não é um texto fácil, mas difícil não é sinônimo de ininteligível. Evidente que os cristãos da Ásia que receberam a Carta em mãos tiveram uma superior vantagem em conhecer o significado do texto de um amigo pessoal, eles leram como uma carta do seu pastor do coração.

3. Consideração histórica

É fundamental para qualquer estudante de Apocalipse conhecer o contexto histórico e cultural em busca da maior aproximação possível com o cenário temporal e geográfico da Carta, quando João enviou para as sete igrejas históricas do primeiro século da Ásia Menor. O Cristianismo é uma religião histórica com uma cosmovisão ampla de fé e vida. Todos os livros da Bíblia são histórias, a revelação de Deus é revelada na história. Por toda história desde o Antigo Testamento temos a revelação de Deus como Criador, Revelador, Governador, Redentor, Juiz

etc. Deus se revela como Criador nas obras da Criação e como Redentor no fluxo da história com Cristo Jesus revelado nas Escrituras.

O Deus eterno Senhor da história se humilhou ao entrar no processo histórico da encarnação (Isaias 53). Deus redime seu povo na história (Hebreus 10). Deus julga a humanidade na história e no final dos tempos (Mateus 23 e João 5). Portanto, podemos afirmar que em Apocalipse, Deus tem um plano de natureza HISTÓRICO-REDENTIVA. Tendo em mente esta consideração o estudante de Apocalipse terá a chave para decifrar seu conteúdo sem cair em especulações fantasiosas.

É de vital importância estudar o paralelismo de outros livros do Novo e do Antigo Testamento para analisar Apocalipse. Exemplo, o paralelismo de Apocalipse com Hebreus sobre a Nova Aliança, fazendo da primeira aliança obsoleta (Hb 8.13). Temos também em Hebreus a revelação que há uma Jerusalém celestial superior a Jerusalém terrestre (Hb 12.22; Ap 21.2). Quanto mais os eventos se afastam do ponto zero da linha do tempo da Carta de João, a tendência é jogar os eventos para o futuro. É necessário conhecer fontes mais antigas antes de avançar na linha temporal com segurança.

Historicamente, a Carta de Apocalipse teve uma ampla distribuição e reconhecimento, em suma: uma aceitação antiga. E apesar de sua comprovada circulação, sua aceitação geral após os primeiros séculos tornou-se lenta. A Igreja pós-apostólica teve muitos debates até sua canonicidade definitiva. Na história canônica, Apocalipse se destaca como um livro diferente das cartas e dos Evangelhos. A autenticidade, inspiração e canonicidade não foram pacíficas em disputas, desde os primeiros séculos. As correntes milenaristas começaram a surgir nos primeiros séculos. Agostinho (354-430), para citar apenas um exemplo, era um pré-milenista, mas já se queixava de outras correntes dentro do pré-milenismo de sua época, alegando ser desagradavelmente materialista, segundo Kenneth L. Gentry, Jr. -- Algo similar aos abusos escatológicos de hoje em dia pelos dispensacionalistas.

Kenneth L. Gentry, Jr. Ainda destaca que a resistência à canonicidade do livro do Apocalipse surgiu mais por uma questão de resistência teológica e não uma objeção histórica. Sempre existiu abuso de interpretação em Apocalipse, mas sua natureza inspirada prevaleceu. As principais questões de debates iniciais pertencem a esfera da autoria (afirmamos: João, apóstolo) e data (datação tardia: antes de 70 d.C. ou datação posterior ao ano 70 d.C). No ano 70 d.C. há um importante marco histórico, que foi a destruição de Jerusalém e do templo judaico. A depender da datação, se antes ou após a queda de Jerusalém (no reinado de Nero – 54-68 d.C. - ou de Domiciano, 81-96 d.C), o sistema de interpretação é modificado.

A partir da data as interpretações serão mais alinhadas ao preterismo (os eventos em Apocalipse ocorreram em nosso passado de modo parcial ou total) ou eventos aconteceram e acontecerão ao longo da história. A questão da data para alguns é um divisor de águas, para outros a data mais recente (pós 70 AD) é aceitável e a historicidade dos eventos em Apocalipse são aplicáveis para todas as gerações da Igreja. Há uma gama de evidências externas (fontes históricas não bíblicas) e evidências internas na própria Bíblia. As referências diretas e indiretas ao Antigo Testamento tomam quase a totalidade de Apocalipse (se partirmos do princípio da hermenêutica “Sola Scriptura”, Escritura interpreta Escritura), estamos diante de uma maior disposição ao preterismo.

O certo é que há divergências e convergências em todas as linhas de interpretações. A cronologia e fluxo do livro são fatores que merecem estudos, e no centro desse debate está a datação, se a Carta foi escrita antes ou depois da destruição de Jerusalém. No decorrer dos séculos há defensores de uma data ou outra. E a perspectiva cronológica muda o sistema de interpretação.

Numa interpretação híbrida é possível encontrar eventos "já e ainda não" (um texto para duas audiências, a original e ao longo dos séculos), principalmente em problemas sociais, políticos, culturais e morais. O mais importante é não perder o foco teológico histórico-redentor (inaugurado no nascimento, vida, ministério e trabalho de Cristo, o estabelecimento da Igreja Cristã, toda era apostólica, o fechamento da antiga aliança - centrada na etnia, baseada em Israel, no sistema sacrificial do templo judaico).

Nero (década de 60 d.C) ou Domiciano (década de 90 d.C.)? Independente do personagem contextual do tempo da escrita da Carta, é fato que o cristianismo nascente e minoritário sofreu provações e perseguições. Com o fim da linhagem familiar dos imperadores Julio-Claudianos as Guerras Civis romanas acontecem durante o "Ano dos Quatro Imperadores" (68-69 d.C). Ano de grande turbulência por todos os domínios do Império Romano, significando mais instabilidade para a Igreja Primitiva, um grande teste de coragem e superação.

4. Considerações da expectativa temporal

Se a Carta de João teve um destinatário imediato para consolo espiritual das igrejas joaninas como poderá ser aplicada a nós no século XXI? Se a carta foi escrita para mostrar o futuro do nosso século, como os destinatários originais compreenderam? Uma carta para um futuro distante serviria para ajudar uma igreja perseguida no primeiro século?

A carta originalmente foi escrita em um cenário histórico e geográfico (Ásia Menor), Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia. Esta audiência original recebeu palavras proféticas de um tempo próximo. Cada sentença da revelação é para que a Igreja ouça e vença as provações, que seja perseverante e receba as bênçãos de Deus, mesmo com a expectativa do martírio. Havia na carta uma clara relevância imediata e urgente para os contemporâneos de João ou se referia a um distante futuro? Estes são alguns dos desafios em estudar Apocalipse.

No prólogo da carta, João afirma que os eventos estariam perto de acontecer, num prazo curto; prestes a acontecer; o tempo está próximo; em breve, em pouco tempo. Estas análises desafiam os intérpretes.

5. Considerações do enfoque Histórico-Redentor

À luz do tema de Apocalipse o interesse principal está na história redentora e não na história secular, especialmente dentro da era apostólica. Apocalipse revela um julgamento divino dramático que se aproxima com brevidade sobre todo povo habitante de Israel, sobre sua cidade santa e seu amado templo. Kenneth L. Gentry, Jr. diz que Apocalipse poderia se chamar "Uma história de três cidades", porque lida com Jerusalém, Roma e a Nova Jerusalém.

Jerusalém é central na mensagem de João, o drama se passa em termos de catástrofe. Esta guerra judaica contra Roma não foi uma guerra qualquer que pontua a história humana. Trata-se de um conflito importante em quatro áreas principais: **Imperial romana, histórico-religiosa judaica, histórico-bíblica-redentora e profética cristã.**

Se o cenário histórico de João se concentra na proximidade de 70 AD (ou d.C), sua profecia era um grande encorajamento para fortalecer os cristãos, os quais foram testemunhas da destruição

do templo judaico pelos romanos. Jerusalém não era qualquer cidade, o cerco militar pelas legiões romanas foi demorado, desgastante e exigiu concentração de força imperial para combater milhares de judeus, unidos por etnia, religião e cultura. Além de toda população judaica do Oriente Médio, havia uma grande população de judeus espalhados por todo mundo antigo conhecido. Não era apenas um conflito local num caso provinciano, mas dois mundos em conflito.

A revolta judaica colocou o Império Romano em uma situação de enfrentamento em fronteira distante, além de ser uma época a qual uma linhagem imperial terminou e explodiu em guerra civil e desordens. Entrara em cena uma nova dinastia, denominada Flaviana, com Vespasiano, Tito e Domiciano, após o triunfo romano sobre Jerusalém. Através do regime Flaviano a paz foi restaurada ao mundo romano e prédios, monumentos e moedas surgiram para celebrar o triunfo sobre a ameaça judaica.

Israel não tinha mais um templo central de adoração, e isto serviu de advertência para outras sociedades que o Império Romano não iria admitir ruptura. Assim como o Cristianismo desenvolveu um calendário mundial, (a.C e d.C), baseado no nascimento de Cristo, o divisor de águas do judaísmo é 70 d.C. A destruição do templo foi uma perda profunda, o sistema de sacrifícios rituais cessaram. O orgulho judaico se tornou poeira.

É importante entender este contexto histórico, pois Apocalipse é uma carta de superação e encorajamento, o cenário religioso e social no século I estava em transformação, e os cristãos primitivos de modo algum poderiam recuar para um tipo de religião judaica nem fugir da realidade do martírio e perseguição. A antiga aliança é abolida e o novo pacto prevalece, a morte de Cristo, sua ressurreição e entronização se desdobram aos olhos da Igreja na história.

Dizendo Nova aliança, envelheceu a primeira. Ora, o que foi tornado velho, e se envelhece, perto está de acabar. -- Hebreus 8:13

Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. - João 4:21

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!

Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta;

Mateus 23:37,38

A Igreja Primitiva testemunhou estas palavras! O Cristianismo gentio se expandiu rapidamente, as comunidades cristãs judaicas declinaram juntamente com a destruição de Jerusalém. Portanto, a Carta do Apocalipse revela vitória e avanço missionário, apesar das perseguições. A Igreja perdeu com a queda de Jerusalém seu centro de referência da religião cristã e adentrou com nova força no mundo pagão gentio. Após 70 AD, a Igreja não vivia nacionalmente em Israel. Com base nesta perspectiva histórica-redentiva, Apocalipse não demarca o fim do mundo, mas o fim de um mundo, uma separação definitiva de judaísmo e cristianismo.

A estrutura básica de Apocalipse deve passar por estas considerações relacionadas para evitar complexidades desnecessárias.

Raniere Menezes

Frases Protestantes

Referências:

Kenneth L. Gentry, Jr. Volume I: Revelation 1:1–9:21. THE DIVORCE OF ISRAEL . A Redemptive-Historical Interpretation of Revelation.

R. C. Sproul, Somos Todos Teólogos, Uma Introdução à Teologia Sistemática, Editora Fiel.

Herminsten Maia Pereira da Costa, A Inspiração e Inerrância das Escrituras, Editora Cultura Cristã.